XX ENCONTRO BAIANO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
IX FÓRUM BAIANO DAS LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA
01 A 04 DE AGOSTO DE 2023
PAULO AFONSO - BA
ISSN 2175-1668

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA *COM* PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS

Eixo Temático 5: Ensino e Aprendizagem de Matemática na Educação Básica

Thiago Campos Assunção. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. tigocampos15@gmail.com;
Taide Regis Silva. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. registaide@gmail.com;
Jonson Ney Dias da Silva. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia;
jonson.dias@uesb.edu.br.

RESUMO

A contação de história é uma forma dos indivíduos expressarem situações, invenções ou experiências vivenciadas no cotidiano ou no mundo. O ato de contar uma história é uma prática natural e inerente ao ser humano, desde os primórdios da humanidade, persistindo até os dias atuais através de um legado imaterial. Na sala de aula de Matemática da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI), a contação possibilita problematizar situações com práticas matemáticas, além disso, favorece identificar neste contexto esses conceitos, a partir do meio de convívio do indivíduo. Assim, essa metodologia pode criar um ambiente de socialização de diversos saberes, oportunizando ao educador estimular a leitura e escrita do mundo dos educandos por meio dessa área de conhecimento. Deste modo, o referido trabalho objetiva relatar a experiência de graduandos com a contação de história nas aulas de matemática em uma turma de alfabetização da EPJAI. Para isto, foi desenvolvida uma aula de letramento matemático em uma turma de alfabetização desta modalidade de ensino, numa perspectiva de uma Educação *com* Pessoas, Jovens e Adultas. Nesta aula utilizou-se a contação de histórias, a partir de uma releitura do texto de cordel intitulado “Briga na Feira Livre”. Essa proposta, possibilitou trabalhar com os conceitos matemáticos de grandezas e medidas, densidade e volume, ademais, gerou um ambiente descontraído entre educador e educando. Este trabalho permitirá ampliar a discussão e a utilização da contação de histórias no contexto escolar, podendo promover aulas contextualizadas a partir dos saberes e vivências dos educandos em diversas vertentes.

Palavras-chave: Alfabetização na EPJAI. Aula de Matemática. Contação de história.

INTRODUÇÃO

Contar uma história, geralmente, é uma forma dos indivíduos expressarem situações, invenções ou experiências vivenciadas no cotidiano ou no mundo. Nesse ato de contar histórias o indivíduo pode assumir o papel de criador, espectador ou protagonista. Café (2000) diz que: “Os contadores de histórias se encontram presentes

ISSN 2175-1668

em uma infinidade de gerações que cresceram e se desenvolveram ouvindo e contando histórias, como meio de perpetuar sua cultura e, ao mesmo tempo, renovar e transformar suas ações"(Café, 2000, p.11). Desse modo, percebe-se que a contação de histórias pode ser descrita como uma tradição oral que perpassa os círculos sociais da humanidade através de um legado imaterial.

Ao direcionar o nosso olhar para o contexto escolar é perceptível que, frequentemente, a prática da contação de histórias é desenvolvida na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Essa estratégia pode ser utilizada como metodologia para estimular a curiosidade e a criação de um ambiente propício para discutir diversos tipos de saberes com os estudantes. Porém acredita-se que tal metodologia pode ir além e pode ser desenvolvida em outros níveis e modalidades diversificados dos que são comumente utilizadas, tais como na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI)[1].

Na EPJAI, o trabalho com a contação de história pode ser desenvolvido em uma perspectiva que possibilite a participação e interação dos estudantes, corroborando para que estes consigam assimilar situações sociais vivenciadas por eles ao contexto da história. Diferentemente da Educação Infantil, a contação de histórias na EPJAI possibilita problematizar uma situação com práticas matemáticas, além disso, favorece identificar neste contexto esses conceitos, a partir do meio de convívio do indivíduo, criando assim um ambiente de socialização de diversos saberes.

Diante disso, ao observar a forma que as aulas são desenvolvidas na EPJAI, deve-se pensar maneiras de inserir a contação de histórias como meio de contextualização do tema que se busca trabalhar, possibilitando assim a participação dos educandos. Ao adentrar em uma turma de jovens, adultos e idosos, o educador estará inserido na realidade daqueles indivíduos, sendo necessário conhecer suas individualidades, desejos e anseios.

[1] EPJAI se refere a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. A palavra "pessoas" foi empregada no sentido de representar indivíduos de gêneros distintos, bem como o uso dos termos "Jovens", "Adultas" e "Idosas", respeitando as faixas geracionais de acordo com a emenda constitucional 59/2009.

ISSN 2175-1668

Nesta modalidade, assim como também em outras, a vivência de cada educando é importante e imprescindível durante a realização das aulas, logo é necessário que se conheça a realidade de cada um. Uma possibilidade é solicitar que cada estudante conte sua história de vida, seus anseios, dificuldades enfrentadas e o que almeja para o futuro. Essa dinâmica permite que os educandos se sintam mais próximos do educador, tornando assim o processo de aprendizagem mais individual.

Ao adentrar em uma turma de alfabetização da EPJAI, muitas vezes, pode-se pensar apenas em leitura e escrita, ou seja, em Linguagens e suas tecnologias. Contudo, existe também o letramento matemático e este pode ser desenvolvido também com o auxílio da leitura e escrita. Para Souza (2010) alfabetização matemática, pode ser entendida como a ação inicial de ler e escrever matemática, compreendendo e interpretando os conteúdos básicos, sabendo expressar através de sua linguagem específica.

Nesse viés, o presente trabalho relata uma experiência com a contação de história no contexto do ensino da Matemática em uma turma de alfabetização de uma Escola da Rede Municipal da Cidade de Vitória da Conquista, Bahia. Para o melhor desenvolvimento da proposta, será utilizado uma perspectiva de Educação *com* Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI)[2].

Silva (2020) propõe a perspectiva de Educação *com* Pessoas Jovens, Adultas e Idosas compreendendo que a educação autêntica, como aponta Freire (2000, p.97) se faz de "A *com* B, mediatizados pelo mundo". Dessa forma, Silva (2020) compreende que o trabalho com a matemática na sala de aula da EPJAI deve ser promovido por uma ação conjunta entre educadores e educandos mediados pelo mundo, tendo o diálogo e a escuta como elementos essenciais para que os conhecimentos sejam produzidos.

Nesse sentido, apresentamos neste relato de experiência o trabalho da contação de histórias no contexto escolar da sala de aula de matemática em uma turma da EPJAI . Em consonância com Andrade, Grando (2006, p.2) acredita que essa metodologia "nas aulas de matemática representam um outro olhar para o aprender Matemática com

[2] A partir de agora, EPJAI será entendido como Educação *com* Pessoas Jovens, Adultas e Idosas.

ISSN 2175-1668

ludicidade, envolvimento, imaginação e criatividade". Desse modo, este tem como objetivo relatar a experiência de graduandos com a contação de história nas aulas de matemática em uma turma de alfabetização da EPJAI.

ENTRE UM CAFÉ E OUTRO, UMA HISTÓRIA E OUTRA

O planejamento desta oficina ocorreu como parte da avaliação da disciplina Educação de Jovens, Adultos e Idosos 1 (EJAI 1), ofertada no curso de pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia(UESB), campus Vitória da Conquista. A turma era composta majoritariamente por pedagogos em formação, diante disso os licenciandos em Matemática se integraram em um mesmo grupo, este por meio de um sorteio ficou responsável por trabalhar com a alfabetização na EPJAI.

Num primeiro momento houve indagações de como interligar alfabetização e a EPJAI, em consonância buscou-se elaborar ações que abordassem a área de Matemática. Neste momento de planejamento, analisou-se a possibilidade de se trabalhar com uma releitura de textos de cordel, que trabalham contextos que permitem discussões sociais, econômicas e matemáticas, a partir da contação de histórias.

No dia da aplicação da oficina, optou-se por levar café, bolos e biscoitos objetivando criar um espaço descontraído e para que os educandos se sentissem em uma conversa, um bate papo. Neste primeiro momento, os ministrantes se apresentaram, e ao solicitar que os educandos se apresentassem se depararam com riquíssimas histórias de superação que os motivaram a voltar para a escola.

Neste momento de socialização e compartilhamento de experiências e histórias de vida, os educandos ,que majoritariamente era composta por pessoas idosas, pode-se perceber que algumas das motivações para voltar a estudar foram: se alfabetizar para conseguir ler a bíblia, aprender a escrever para tirar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) ou até mesmo um anseio de conseguir um futuro melhor por meio da educação. Os educandos também, em sua maioria, eram pessoas que viviam na zona rural e relataram que, por esse motivo, não tiveram acesso à educação básica na idade considerada ideal.

ISSN 2175-1668

Logo após, um dos ministrantes começou a contar uma história fictícia de uma situação na feira livre. O cordel intitulado "Briga na Feira Livre"(Anexo I) produzido por Marcos Silva, retrata um desentendimento entre dois personagens, sendo eles um comerciante e uma consumidora, na problemática o vendedor comercializa determinado produto no litro enquanto a cliente queria comprar o mesmo pelo quilo. Conforme ia desenvolvendo o enredo, os educandos iam se instigando, participando e opinando sobre a situação vivenciada, ao final questionou-se aos educandos "quem estava correto na história?".

Adiante, para conceitualizar a matemática de Grandezas e Medidas presente na história, levou-se uma balança, uma medida de litro, um quilo de feijão e um quilo de farinha. Neste momento um dos educandos questionou se aquela medida de litro estava correta, para mostrá-lo que sim, preencheu tal recipiente com água e o pesou, mostrando que um litro de água pesa exatamente um quilo.

Durante as pesagens, os educandos afirmaram "no quilo vem mais, tu vai ver, ainda vai sobrar feijão o suficiente para encher um copo", "é isso mesmo, e eu sei porque lá na roça a gente vende assim". Com os experimentos, notou-se que os educandos estavam corretos e que realmente o quilo vem mais do que no litro, isso tomando como base o produto feijão.

Já com a farinha, notou-se que, ao contrário do feijão, quando medido no litro a quantidade é maior do que no quilo, quando questionados o motivo disto, um dos indivíduos ressaltou que "a farinha achata mais", fazendo referencia de maneira implícita à densidade da farinha. Desse modo, os ministrantes aproveitaram a oportunidade para conceituar e diferenciar densidade e volume.

Por fim, os educandos se mostraram interessados pelas temáticas discutidas e ressaltaram que essa forma de se trabalhar com a matemática era diferente do que eles estavam habituados. Também relataram que queriam que os ministrantes voltassem à escola em outras oportunidades, para desenvolver outras atividades parecidas. Além disso, os produtos utilizados na dinâmica foram distribuídos aos educandos por meio de um sorteio, momento este que gerou muita descontração e participação dos educandos.

ISSN 2175-1668

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, este relato buscou apresentar um trabalho com a contação de histórias na EPJAI, cujo objetivo é relatar a experiência de graduandos com a contação de história nas aulas de matemática em uma turma de alfabetização da EPJAI. Percebeu-se que essa metodologia possibilitou discussões, reflexões e contextualizações sobre o uso da mesma no contexto escolar, como meio de desenvolver aulas de matemática.

Além disso, os ministrantes puderam emergir nas vivências práticas e cotidianas dos indivíduos, criando assim um ambiente que possibilitou que educadores e educandos dialogassem sobre saberes matemáticos, oriundos de diversos contextos. Percebeu-se que estes foram adquiridos por meio de conhecimentos construídos através de suas experiências e vivências de mundo. A turma era composta, em sua maioria, por pessoas idosas e oriundas da zona rural e estes se identificaram com a história proposta pelos ministrantes, de tal forma que, afirmaram com convicção quem estava correto na história, a partir de suas interações com o mundo.

Desse modo, acredita-se que a contação de histórias é uma potencial metodologia para o ensino de matemática, visto que ela possibilita os educandos se reconhecerem e validarem os contextos e situações que estão inseridos. Por fim, os educadores envolvidos nesse processo puderam repensar suas práticas didático-pedagógicas, tornando-se mais sensíveis à pluralidade dos educandos presentes no contexto da EPJAI.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Débora de Oliveira; GRANDO, Regina Célia. **Contando histórias nas aulas de Matemática: produção/mobilização de conceitos na perspectiva da resolução de problemas.** Trabalho apresentado na 26a Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2006.

Brasília: CNE, 2009. CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO. **Emenda Constitucional 59/2009 e a Educação Infantil**. Revista Insumos para o Debate, nº 2, São Paulo, 2010.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Dos Contadores de histórias e das histórias dos contadores**. 2000, 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

SILVA, J. N. D. **Tecnologias Digitais na Educação Matemática com Jovens e Adultos: um olhar para o CIEJA/Campo Limpo**. 2020. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2020.

SOUZA, Kátia NV. Alfabetização matemática: considerações sobre a teoria e a prática. **Revista de Iniciação Científica da FFC-(Cessada)**, v. 10, n. 1, 2010.

Anexo I
Briga na Feira Livre - Marcos Silva

Eu estava visitando
O meu querido sertão
Numa feira sertaneja
Eu vi grande confusão
Mulher e homem brigavam
Bem naquela ocasião.

Josefa mais seu João
Começou uma porfia
Bem ali numa barraca
Era o começo do dia
E quem passava ali perto
Escutava a baixaria.

Dona Josefa dizia:
- Eu quero comprar feijão.
Em seguida quem falava
Era o vendedor João:
- Pois como a senhora quer
Eu aqui não vendo não.

- A senhora já chegou
Aqui foi impondo estilo
Já está ficando velha
Vá procurar um asilo
Só vendo feijão de litro.
Ela disse: - Eu quero é quilo!

- Pois eu já não quero ouvi-lo
Dona Josefa falou:
O litro está bem mais caro
Pagar mais caro, eu não vou.
No mesmo instante o João
A lhe explicar começou.

O vendedor explicou
Pra Josefa, com estilo:
- Dona Zefa veja bem
Não tem isso e nem aquilo
Num litro vai mais feijão,
Vai bem mais do que num quilo.

- Lhe digo não quero ouvi-lo
Tem erro, vejo os sinais.
Pois Josefa continua
A falar ainda mais
A diferença do quilo
Pra o litro, são dois reais.

Seu João disse: - É demais!
Assim não tem condição.
- Zefa, num quilo vai menos
E preste bem atenção
A senhora leva o litro
Que vai levar mais feijão.

A Josefa disse: - não!
O senhor é bem ligeiro
Eu não vou acreditar
No teu plano traiçoeiro
Você quer vender de litro
Para ganhar mais dinheiro.

- Vou sair daqui ligeiro
Dona Josefa falou:
Fique aí com teu feijão
Pois embora, agora eu vou.
Seu João não falou nada
No momento se calou.

Dona Zefa se mandou
O seu caminho seguiu
Sem feijão, sem paciência
Da compra então desistiu.
João falou, explicou
Mas Zefa não lhe ouviu.

O povo dali saiu
Acabou a confusão
Ficou somente a barraca,
Cereais e seu João
Ninguém soube se Josefa
Conseguiu comprar feijão.